

A atual propagação da epidemia do coronavírus, desencadeou, por sua vez, vastas epidemias de vírus ideológicos que ficaram adormecidos em nossas sociedades: falsas notícias, teorias de conspiração paranoicas, explosões de racismo, etc. A necessidade de quarentenas, que é medicamente bem fundamentada, encontrou eco na pressão ideológica para estabelecer fronteiras definidas e para colocar em quarentena os inimigos que representam uma ameaça à nossa identidade.

Mas talvez outro vírus ideológico, muito mais benéfico, se espalhe e nos contagie: o vírus do pensamento em termos de uma sociedade alternativa, uma sociedade para além do Estado-nação, uma sociedade que se atualiza sob a forma de solidariedade e cooperação global. [...] Mas há um paradoxo nisso, o coronavírus também nos força a reinventar o comunismo baseado na confiança nas pessoas e na ciência. (ŽIŽEK, 2020, p. 43)¹

Imersos num tempo e num movimento pendular que nos assolam com a pandemia da COVID-19, compreendemos que o cenário atual vem sendo marcado por ‘epidemias de vírus ideológicos’ que carregam e reforçam, face a dualidade que temos assistido no nosso país através de posições do Ministro da Saúde, quando no momento em que impera a bandeira do isolamento social alinhada com políticas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e, por outro lado, posições irresponsáveis do atual presidente, ao defender a lógica econômica e suas relações com o mercado, muitas vezes minimizando os efeitos da pandemia, ampliando a divulgação de *fake news* e forte menosprezo à vida.

Assistimos confrontos e dissimulações contra a democracia no país, os quais reforçam

epidemias ideológicas e ataques as identidades. O jogo está lançado e os confrontos estabelecidos numa arena política que se materializa em práticas discursivas, configurando-as como uma patologia autoritária e antidemocrática, através das formas como se forjou uma cisão social e política contra a democracia no país, a ciência, a pandemia e a dita “gripezinha” tosca.

Defender a vida, acima de tudo e de todos, é fundamental para seguirmos na lida cotidiana do isolamento social e com ações políticas que nos obrigam defendermos a educação e a saúde como bens públicos, colocando em xequemate o esgotamento do neoliberalismo e suas formas perversas de construções de metanarrativas contemporâneas que defendem blocos econômicos e reforçam, sobremaneira, desigualdades sociais, desemprego e pobreza, além de nos exigir formas outras de relações com a crise ambiental planetária e o esgotamento das fontes energéticas-naturais, implicando pensarmos em modos outros de projetos de sociedade, de educação e defesa do Sistema Único de Saúde (SUS).

A pandemia, face a invisibilidade do vírus e seu poder destruidor e devastador, nos obriga, na nossa fragilidade humana, resistirmos e construirmos ações individuais e coletivas, em defesa da solidariedade, de enfrentamento de discursos políticos que negam orientações de organismos internacionais, que reforçam uma acirrada crise na democracia no país e apregoam ações antidemocráticas, levantamento de bandeiras retrógradas e fascistas, contrapondo-se aos discursos científicos e ao acirramento de ‘epidemias de vírus ideológicos’.

A despeito de todas essas questões e tendo em vista a situação atual que vivemos em

¹ ŽIŽEK, Slavo. Um golpe como o de “kill bill” no capitalismo. In.: DAVIS, Mike *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. João Pessoa: Terra sem Amos, 2020.

relação à pandemia da COVID-19 no Brasil, frente à crise política do estado brasileiro e ao adoecimento da democracia que, com certeza, trará consequências irremediáveis para o povo brasileiro, implicando processos de reinvenção da vida.

Na condição de sujeitos históricos, experienciamos, a cada dia e mais frequentemente, narrativas diversas sobre o vírus, as relações sociais, as diferenças e desigualdades, o esgotamento do serviço de saúde pública e, nossa lucidez e disposição para continuarmos vivos e construindo formas outras como tais acontecimentos nos tocam, nos transformam e nos projetam para compreendermos a história, a memória e as experiências como chaves possíveis de leituras diante do que vivemos.

Neste contexto, a *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica* pública o presente volume, com o dossiê *Histórias de vida de educadores/as sociais em pesquisa narrativa (auto)biográfica*, coordenado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão (Universidade Federal de Pelotas) e Inês Ferreira de Souza Bragança (Universidade Estadual de Campinas). O dossiê reúne 18 (dezoito) textos que discutem questões epistemológicas e teórico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica, além de concentrar-se em partilhas de histórias de vida de educadores(as) sociais e intelectuais, demarcando, desta maneira, modos como as histórias individuais cruzam-se com histórias coletivas e revelam contextos e cenários históricos, políticos, educacionais, literários e clínicos.

O presente dossiê emerge de experiências fecundas empreendidas por Abrahão (2001, 2018)², através da pesquisa pioneira desen-

volvida com histórias de vida de educadores sul-rio-grandenses, mas, também, pela forma como ancora-se em princípios da pesquisa com histórias de vida e (auto)biografias compreendendo sentidos e significados dos educadores como sujeitos históricos, revelando que as histórias individuais inscrevem-se como pistas para compreensões de diversos processos e fenômenos educativos, sociais, políticos e culturais. Esse argumento mobilizou a organização do dossiê e da rede de pesquisa que nasce com a primeira edição do Congresso Brasileiro de Pesquisa (auto)biográfica (CIPA) e que, desde então, amplia a *aventura (auto)biográfica*³ iniciada em 2004.

A seção *Artigos* reúne textos que dialogam com o dossiê e ao mesmo tempo se abrem a outras temáticas, incluindo histórias de vida e narrativas docentes, de migrantes, de artistas, de travestis, além da tematização do currículo e do pensamento cisgênero. A seção é constituída por 9 (nove) textos que dialogam com noções conceituais da pesquisa (auto)biográfica, num movimento reflexivo sobre histórias de vida e processos educativos e educacionais, (auto)biografia, currículo, cinema e arte, além de textos que politizam argumentos sobre pensamento cisgênero, travestis e Hiv/Aids, corpo, hibridismo e identidade.

A seção inicia com o artigo, *Magistério em cena: histórias de vida, tramas socioculturais e cotidiano escolar no cinema*, de Paula Perin Vicentini e Rita de Cassia Gallego, que analisam a narrativa cinematográfica de dois filmes que têm como protagonistas o professor Mark Thackeray, de *Ao mestre, com carinho* (Direção: James Clavell, Reino Unido da Grã-Bretanha do Norte e Irlanda do Norte, 1967), e a professora Erin Gruwell, de *Escritores da Liberdade* (Direção: Richard La Gravenese, Estados Unidos, 2007), ambos inspirados em “histórias reais”.

³ ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

² ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Memórias, identidades, experiências...** destacados educadores brasileiros em histórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. Prefácio: Jorge Luiz da Cunha.

Esses dois filmes vinculam-se à perspectiva denominada pelas autoras de *professor-herói*, por terem como características mais acentuadas dos docentes retratados a abnegação e o caráter redentor de sua prática, desconsiderando-se, muitas vezes, as condições de trabalho. Discussões relacionadas ao início da carreira docente, suas histórias de vida e memórias e identidades da categoria e da sociedade, possibilitando as autoras leituras relacionadas às representações a respeito da docência veiculada pelo cinema.

Valeska Maria Fortes de Oliveira e Tania Micheline Miorando tematizam *Encontros potentes produzidos pela investigação com histórias de vida* percorrendo caminhos investigativos na formação profissional de professores. O texto apresenta vertentes metodológicas, matrizes da pesquisa, a partir das histórias de vida de professores e suas férteis indicações para pensar a formação docente. As autoras observam que, somente após o trabalho de composição da trajetória que estas pesquisas tomaram, é possível traçar indicações a encontrar suas tendências no campo por ele aberto, através de opções metodológicas outras que contribuem para pensar a formação de professores, tendo como centralidade narrativas, histórias e memórias de docentes sobre seus percursos profissionais.

Histórias de vida e mobilidades acadêmicas de imigrantes, de José González-Monteaquedo e Wilton Carlos Lima da Silva, centra-se na migração e na mobilidade acadêmica, tomando como base o estudo de caso biográfico de um investigador universitário de origem imigrante. O texto sistematiza questões teóricas e apresenta lacunas atuais da investigação sobre a mobilidade acadêmica dos migrantes. Os autores tomam um caso narrativo, objetivando contribuir para a construção de uma perspectiva de ecoformação, baseada na mobilidade intercultural, bem como para melhor conhecer

e compreender as questões das migrações, identidades e diversidades interculturais e suas interfaces com a pesquisa narrativa.

O artigo *Autobiografia e currículo*, de Hiller Soares Santana, apresenta algumas considerações a respeito da opção metodológica da autobiografia, utilizada como defesa de tese de doutoramento em Educação, no campo do currículo, inspirada no Método *Currere* de William Pinar (2011)⁴, busca apresentar bases do método que subsidiaram a escrita autobiográfica.

O texto, *O discurso político do autorretrato em Oriana Duarte*, de Ana Carolina M. Salvi, analisa um discurso político presente no trabalho de Oriana Duarte, partindo da compreensão de seu corpo como híbrido ao transmutar-se constantemente em identidades instáveis e desterritorializadas, configurando uma identidade ciborgue que contraria as elaborações tradicionais e normativas do que é um corpo feminino na arte e na sociedade. Diálogos construídos através de ideias de Judith Butler e de gênero como categoria socialmente construída e inscrita em práticas de performatividade em sociedade e suas relações com escrita de si como prática de liberdade diante das estruturas de poder e do autorretrato. O artigo toma como centralidade de análise entrevista com a artista e imersão em sua poética, através do autorretrato fotográfico *A Selvagem Sabedoria*, possibilitando identificação de contornos das estruturas sociais envolvidas no contexto da pesquisa e que transitam a subjetividade e corpo desejante da artista.

Em *(Des)epistemologizar a clínica: o reconhecimento de uma ciência guiada pelo pensamento cisgênero*, Sofia Ricardo Favero reflete sobre a despatologização das identidades trans e travestis, ao destacar como tais mobilizações têm sido direcionadas a pensar o indi-

4 PINAR, William F. The method of currere (1975). In: PINAR, William F. (Ed). **Autobiography, Politics and Sexuality**. New York: Peter Lang, 2011. p. 19-27.

víduo que vai à clínica, mas não as epistemologias que sustentam a psicologia. Por essa via, resgata a parcialidade feminista para apostar nas autobiografias trans como modos de produção de agenciamento, que possam, de certa forma, guiar a clínica em direção a éticas outras, de questionar o pensamento nosológico transversalizado pela cisgenderidade.

Angra Dias da Silva Tagliate e Neil Franco, no artigo *Travestis vivendo com HIV/AIDS e seus determinantes sociais: antes e depois do diagnóstico*, socializam histórias de vida de duas travestis que vivem com HIV/AIDS e que são acompanhadas pelo Serviço de Assistência Especializado (SAE), setor integrado ao Departamento DST/AIDS vinculado à Secretaria de Saúde da Prefeitura de Juiz de Fora-MG. Objetivava-se, assim, conhecer seus determinantes sociais, seja no âmbito familiar, econômico, escolar, saúde, entre outros, de modo a identificar a construção do sujeito a partir da vivência e pertencimento a tantos demarcadores de exclusão do humano. Destacam que o serviço de saúde e a atuação em equipe e com um olhar mais humano, se diferenciam para os/as usuário/as em acompanhamento, configurando-se como um espaço que se refere que respeito às diferenças e a diversidade humana, especialmente, pela escuta e desenvolvimento de entrevistas narrativo-biográficas.

Em *Trajeto para além do movimento aparente: mobilização, sentido e inclusão escolar*, Naiara Chierici da Rocha apresenta suas experiências formativas como professora de matemática e as concepções teórico-metodológicas para contribuir na área de estudos sobre o ensino de matemática e inclusão escolar. A noção de relação com o saber, conforme desenvolvida por Bernard Charlot, com o objetivo de co-

nhecer, por meio de narrativas (auto)biográficas, mobilizações que professoras possuem e suas relações com o saber para ensinar, ajudando-as a refletir sobre suas práticas educativas e construções de ações mobilizadoras e inclusivas.

A partir de uma perspectiva autobiográfica o artigo, *Narrativas de mim: memórias dançantes*, de Ana Cristina Carvalho Pereira, reflete sobre o percurso formativo de uma artista-professora-pesquisadora de dança em sua trajetória formativa e escolar. A narrativa (auto)biográfica da autora e suas relações com a arte, possibilitam (re)significações de imagens, lembranças e recordações singulares de sua história de vida-formação-profissão, bem como construções de repertórios e acervos culturais e artísticos que impactam em modos de ser docente na área da dança.

O olhar dirigido ao conjunto de textos da seção *Artigos* indica o entrelaçamento potente entre vida, história, pesquisa e formação, reafirmando o desafio de seguimos na resistência e defesa de nossos projetos coletivos de vida-profissão-trabalho.

Desejamos que o presente volume da RB-PAB possa instigá-los e contribua para leituras outras sobre a vida, as histórias e memórias de educadores sociais e intelectuais, principalmente, num momento que vivemos que nos exige implicações, distanciamentos e enfrentamentos em defesa da vida, da saúde, da ciência e da arte de narrar como constitutiva de resistências e novas existências.

Salvador, outono de 2020

Elizeu Clementino de Souza
Comissão Editorial